

O número 29 da *Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo* se utiliza de elementos presentes nos textos que integram a edição de *Janeiro-Junho de 2017* para compor um título que aponte para aspectos que pactuam com a legitimação da censura e da violência, tornados ainda mais torpes se pensados em um ambiente democrático e em que o estado de direito deve prevalecer.

Assim, confrontar atos violentos e de censura que têm o intuito de desestabilizar o livre pensamento se traduz em uma conduta a ser buscada até mesmo contra correntes de pensamento que, em vários momentos, não hesitam em se colocar como a melhor forma de posicionamento. Devemos questionar as práticas violentas e os procedimentos de censura, estabelecendo uma visão crítica também sobre a forma dos nossos questionamentos - para que não enveredemos por um caminho que admite a violência e a censura desde que a serviço dessa postura crítica. Situações como essa não são raras e evidenciam, talvez, o seu caráter mais torpe (aqui no sentido de problemático), pois se mascara dentro daquela forma de pensamento que deveria discutir suas contradições e não legitimá-las pelo viés da própria lógica da opressão.

Com vistas a problematizar esses aspectos e se situar cada vez mais como um veículo no qual a postura reflexiva esteja presente, a *Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo* agradece aos pesquisadores que submeteram seus trabalhos para que mais uma edição pudesse ser concretizada. Esperamos que a leitura desses textos traga elementos de hesitação perante as certezas e de respaldo diante de algumas das inquietudes, da pluralidade e da diversidade de opiniões que tornam o processo crítico cada vez mais complexo.

O primeiro artigo a compor essa edição é de autoria de *André Rezende Benatti* e procura discutir como na “contemporaneidade a violência e a crueldade adquiriram o status de entretenimento, e estar entretido significa não sentir, nem para o bem, nem para o mal. Significa deixar tudo passar sem que você aja de qualquer maneira, sem que se aprofunde em nada.” Discutindo esses elementos, **Crueldade, perversidade e violência: uma “visão do narrador no conto “A lei” de André Sant’Anna** dá título ao artigo que mostra como “a articulação da linguagem faz com que sob o banal e o irônico, na maneira como o narrador conta a história, se exponha a violência da contemporaneidade, uma violência animalesca, representada na narrativa pelas ações dos policiais com indivíduos que são zelosamente escolhidos da margem da sociedade”.

A luta de classes, a militância de esquerda e a postura crítica do escritor Euclides Neto são tema do artigo **Alegoria do riso na obra *Os genros***, de autoria de *Juliana Cristina Ferreira e Ulysses Rocha Filho*. O caráter cômico dos contos selecionados para discussão evidencia que sua construção se ampara em uma “maneira irônica para chamar a atenção do leitor, o qual não é passivo, pois se manifesta durante a leitura, com risos”. Assim, a narrativa de

Euclides Neto, segundo Ferreira e Rocha, envolve o leitor “porque funciona como um eixo móvel na dialética da leitura, a qual constrói significados a partir de suas interpretações e compreensões do texto e, não somente, do enredo ali apresentado”.

“A bordo do porão do navio Manaus – na ‘cova movediça’ (RAMOS, 2015, p.135) – Graciliano Ramos realizou a travessia entre Recife e Rio de Janeiro, onde seria mantido, junto a outros presos políticos, na Casa de Detenção do Distrito Federal, até a transferência, em junho de 1936, para a Colônia Correccional de Dois Rios (CCDR), na Ilha Grande. Espremidos no subsolo da embarcação, centenas de corpos, alguns dos quais recém-torturados, se amontoavam anônimos, oprimidos e semi-sufocados, entre dejetos humanos, restos de comida, e na incerteza quanto ao seu destino”. É dessa forma que *Ana Carolina Huguenin Pereira* inicia seu trabalho intitulado “**Na torpeza nauseante havia muita coisa pura**”: **despersonalização e afirmação do sujeito em Memórias do Cárcere e na Casa dos Mortos**. A experiência do cárcere como elemento no qual os conflitos mais viscerais podem ser observados, adquire uma potência maior a partir da clareza e da obscuridade que constrói narrativas cheias de significados. Pereira salienta essa situação quando compara as obras de Graciliano Ramos e Fiódor Dostoiévski sob o prisma da denúncia e do testemunho da repressão, visto que “é ao escritor que caberá a testemunha e a denúncia, a palavra, o acesso ao público culto, o ‘retrato’ literário e histórico, testemunhal; o registro da memória”.

O panorama histórico apresentado por *Gabriela de Lima Grecco* sobre a censura da imprensa e da publicação de livros no Brasil evidencia uma situação que legitima um controle público - aqui entendido como os atos dos governantes de cada período, com seus interesses e preocupações muitas vezes na contramão do bem comum - que acaba por ser normatizado e aceito sem maiores restrições, como parte da ordem constituída. Com o título **Censoring the word: public control of press and books in Brazil**, o artigo salienta situações ao longo do processo histórico brasileiro, culminando com o período ditatorial do Estado Novo (1937-1945). A abordagem histórica realizada por Lima Grecco oportuniza uma compreensão acerca de aspectos problemáticos da ideia de livre expressão que são percebidos até a contemporaneidade, visto que “The intention of the new state to control the public life through censorship would move the state towards an ambitious project of cultural planning”.

Na análise de *Edgar González Galán* em seu artigo **Elementos para una metahistoria de la identidad cultural y política: El caso del género ensayístico latinoamericano**, “a produção literária que utiliza o gênero ensaístico como meio de expressão oferece categorias ficcionais com possibilidades de ser descritas como metahistóricas porque contêm referências contextuais que o autor estiliza, incorporando assim traços de identidade cultural e política”. Nessa linha de raciocínio, o autor defende a ideia de que “o método metahistórico é adequado para a construção da identidade que abrange arestas culturais e políticas sem deixar de lado as preocupações historiográficas acerca dos objetos analisados”.

No artigo intitulado **O espaço em Quem me dera ser onda, de Manuel Rui**, *Chimica Francisco* analisa a obra do autor angolano, considerando que o espaço condiciona a dinâmica das personagens. Em sua análise, o articulista parte de concepções teóricas como as de Bourneuf e Ouellet (1976, p. 166), em que o espaço é percebido como opressivo na literatura contemporânea: “Por vezes, faz gerar o ódio ou a revolta no coração duma personagem.”

Para Chimica Francisco, o fato de a novela de Manuel Rui encenar-se na grande capital angolana é emblemático: “Luanda simboliza o centro de todas as atenções e a dinâmica da vida do país, de uma nação em construção. Esta cidade mais do que espaço físico é espaço social onde se verificam as diferentes interações sociais. É sobre essa capital, Luanda, que Manuel Rui concentra a sua crítica social, crítica essa que assenta sobre a nova realidade de vida no pós-independência de Angola, fruto da revolução.”

Procurando discutir a perspectiva do sujeito migrante na condição de refugiado, o artigo de *Dionei Mathias* apresenta uma leitura do romance de Abbas Khider *Der falsche Inder* (‘O indiano postiço’). A presença de uma voz que clama a própria existência - e que também se torna inaudível diante da marginalidade e da opressão - é base do trabalho de Mathias, especialmente quando se considera que o “que está em pauta, entre muitos outros aspectos, é uma configuração política que delinea as chances de cada sujeito para concretizar sua narração identitária de forma livre e autônoma e que define quais sujeitos podem dizer algo num determinado espaço. Isso vale tanto para o espaço inicial de socialização ou o país de origem como para o espaço de acolhimento ou país de destino”. O texto **A condição de refugiado e o exercício da voz** perpassa a fragmentação do próprio conceito de identidade, operando no limite da sua aplicação e procurando refletir nesse espaço de indefinição e incompletude, atualizando uma problemática na qual o protagonista do romance encontra possibilidade de expressão, de ser ouvido e de exercitar o relato de sua condição existencial.

Hesitação como construção - a ausência de certezas como força motriz do fazer literário. Nos apropriamos desse aspecto, ainda que de forma indireta, para insistir na postura necessária frente às indicações permanentes e facilitadoras de uma sociedade que não vislumbra suas próprias contradições. A produção literária marcada por situações não submetidas aos dogmas possibilita uma gama de problematizações como as que Daniella Paez Coelho e Vera Lucia Lenz Vianna abordam no texto **A estrutura da hesitação: análise do conto “Eveline”, de James Joyce, segundo conceitos de Anthony Giddens**. A relação com Anthony Giddens, apresentada desde o título, aproxima os contextos históricos e ficcionais quando discute que a “composição narrativa foca-se fundamentalmente em seus pensamentos e lembranças, na tessitura de uma ponderação sobre sua vida, em decorrência do impasse em que se encontra. Semelhante situação a das que Giddens discute, ao tratar da complexa construção da ‘auto-identidade’ do indivíduo, sobretudo face às constantes mudanças nos níveis institucionais e sociais”.

Finalizando a edição de número 29 da *Literatura e Autoritarismo*, o artigo **Desilusão e obstáculo epistemológico: convergências entre Gaston Bachelard e Philip Roth**, de autoria de *Mariana Costa Nascimento* e *Geiva Carolina Calsa* apresenta uma importante contribuição para um repensar sobre a produção do conhecimento. A aceitação do caráter provisório do desenvolvimento científico e seu permanente estado de indefinição são aspectos que acabam por ser vistos como negativos e não como propulsores para superação dos obstáculos. Nascimento e Calsa afirmam “que a pesquisa é um processo e que pode sofrer reformulações e contestações no decorrer da trajetória científica o que exige uma quantidade cada vez maior de resiliência frente às situações-problema”.

João Luis Pereira Ourique  
Rosani Úrsula Ketzner Umbach  
(Orgs.)

